

O MUNDO

OUTONO ÁRABE

Revoluções inacabadas

Após 4 ditaduras caírem e uma balançar, especialistas fazem prognósticos para a região

A foto que serviu de base para a arte abaixo foi feita em Sirta, Líbia, no dia 10 de outubro de 2010, durante um encontro entre líderes dos países árabes. Da esquerda para a direita, o tunisiano Zine el-Abidine Ben Ali, o iemenita Ali Abdullah Saleh, o anfitrião Muamar Kadafi e o egípcio Hosni Mubarak demonstram bom humor e força.

Pouco mais de um ano depois, o inimaginável: uma extensa

revolta popular derrubou os quatro ditadores. Um deles está preso (Mubarak). Outro está morto (Kadafi), e os dois restantes buscaram vizinhos onde pudessem se asilar.

Tunísia, Iêmen, Líbia e Egito dão os primeiros passos rumo à democracia em condições diferenciadas, vivenciando questões como ressurgimento de movimentos islamistas, ausência de fortes lideranças e instituições locais. E, em menor ou

maior grau, a insatisfação popular que levou milhares às ruas neste 2011 continua, e já outra ditadura cambaleia: a de Bashar al-Assad, na Síria. O que, afinal, o futuro reserva para a Primavera Árabe?

A convite dos correspondentes do GLOBO, cinco especialistas, a partir de cinco cidades — Nova York, Washington, Londres, Paris e Tel Aviv — tentam responder à pergunta.

Arte de Claudio Duarte

Uma chance de fortalecer as sociedades civis

Daniel Weiss

• Quando falamos em Primavera Árabe, é muito tentador homogeneizar a situação de países com contextos políticos e culturais muito mais diversos do que se imaginam. Um exemplo é a Síria, cujos tribalismo e sectarismo são muito maiores do que os da Líbia. O que a região tem em comum é a chance de fortalecimento de suas sociedades civis e de consolidação de um cenário político com mais debate e menos repressão. Os países que já depuseram ditadores agora encaram a missão de uma transição democrática que traz um grande risco de polarização, sobretudo na questão religiosa. O Egito desponta como o grande exemplo por causa da influência da Irmandade Muçulmana, que, embora tenha interesses diversos, ainda é dominada por uma ala disposta a exigir um Estado menos laico. Não se trata de alarmismo, mas uma constatação que já houve na Tunísia, onde a vitória do Ennahda nas eleições parlamentares se segue ao crescimento de um discurso islamista mais radical.

É também sob esse aspecto que precisamos analisar a influência da Turquia. Em diversos países da região, especialmente nos do Norte da África, o premier Recep Tayyip Erdogan é uma figura popular, talvez mais do que líderes americanos ou europeus. Mas não se pode esquecer de que o AKP, o partido de Erdogan, está longe de ser exemplo de perfeita democracia: a filosofia supostamente moderada contrasta com o fato de que a Turquia é hoje um dos países que mais prendem jornalistas e críticos do governo. Por isso preocupa o fato de a oposição na Síria hoje estar abrigada pela Turquia, inclusive geograficamente. Ao mesmo tempo em que pressionar o regime assassino de Bashar al-Assad é fundamental, a articulação deveria ser mais multilateral. Principalmente porque uma agenda islâmica não é universal na Síria, e é muito provável que a queda de Assad provoque muita instabilidade num país com tantas fronteiras problemáticas: Israel, Irã, Iraque.

Já Iêmen e Bahrein surgem com melhores notícias. A renúncia de Ali Abdullah Saleh, intermediada pela Arábia Saudita, foi um passo importante, enquanto no Bahrein houve nitidamente uma influência americana. A expectativa é de turbulências antes de melhoras. Mas isso não significa um comportamento uniforme.

Analista de Oriente Médio para a Henry Jackson Society (Londres), em depoimento a Fernando Duarte

Os líderes devem ouvir o toque do despertador

Jean-Pierre Filiu

• Há uma dificuldade, não apenas dos governantes, mas de todo o mundo, de aceitar que esse movimento é uma revolução. A expressão “Primavera Árabe” surgiu de um desejo generalizado de que esse movimento terminasse logo. Mas a revolução não acabou.

É difícil se adaptar à nova situação, especialmente quando os regimes consideram que, ao responder, estão fazendo concessão. No Iêmen, Saleh finalmente concordou em fazer um acordo, mas os manifestantes dizem desde o começo que não querem acordo algum, querem julgá-lo.

O que espanta não é a lentidão do processo de mudança, mas a falta de conexão dos líderes políticos, dos governantes, com a realidade. É aí que nós, historiadores, podemos contribuir, lembrando que as maiores crises da História derivaram de falta de compreensão e de erros de cálculo.

O rei do Marrocos, Mohamed VI, é uma exceção à regra, o único líder do mundo árabe que se antecipou à revolução. Todos os governantes da região devem ouvir esse toque do despertador. Não é um sonho ou um pesadelo do qual vão acordar: é um movimento único com expressões diferentes em cada país. Pode-se lidar com a pressão revolucionária de forma inteligente, antecipando-se aos protestos, ou pode-se jogar o país na guerra civil, como fez Kadafi na Líbia ou como está fazendo Assad na Síria.

Professor da SciencesPo, de Paris, em depoimento a Fernanda Godoy (Nova York)

Expectativas demais foram criadas

Meir Litvak

• A Primavera Árabe está se transformando em outono ou até mesmo em inverno. Foram criadas expectativas demais por uma mudança rápida num mundo árabe no qual a crise é muito mais profunda do que se pensa. Não há possibilidade de que essas expectativas sejam realizadas a curto prazo. Mesmo que haja uma democracia-modelo, os países terão que enfrentar problemas econômicos graves.

No Egito, a revolução não foi completa, e há risco de retrocesso nas vitórias. Não é anormal que uma revolução desse calibre seja de longo prazo, passe por etapas e até por uma radicalização. E, se daqui a dois ou três anos a insatisfação continuar, pode ser que as pessoas prefiram um homem-forte no poder, mesmo às custas da liberdade de expressão. O mesmo pode acontecer em países como Iraque ou Iêmen. A Tunísia parece ser uma exceção. É um país menor, que passou por uma modernização. Mas há sempre o perigo de que os islamistas optem pela ditadura.

Na Síria, a situação é mais complexa, até porque nem todos são contra Bashar al-Assad. Não sei se haverá intervenção militar no país. O elemento principal da ação ocidental na Líbia foi o medo da Itália e da França de que Muamar Kadafi promovesse massacres que levassem a uma emigração em massa para esses países. No caso da Síria, não há esse perigo.

Professor da Universidade de Tel Aviv, em depoimento a Daniela Kresch

As forças do jogo ainda não apareceram

Stephen Skinzer

• Vemos uma situação hoje no Oriente Médio comparável ao pós-Segunda Guerra Mundial. Naquela época, o poder dominante na região, o Reino Unido, estava em retirada, um vácuo ocupado pelos EUA. Agora vemos uma situação similar. Os EUA continuarão a ter alguma influência, mas sem o mesmo poder. O novo vácuo é cobijado por Irã e Arábia Saudita. Tudo o que se vê hoje é reflexo da disputa geopolítica entre esses dois países na região. A diferença é que hoje não basta mais o apoio de alguns ditadores e líderes, porque há um novo fator: a opinião pública. Não é mais possível para líderes políticos impor caminhos dos quais o povo discorda. E a maioria das pessoas no Oriente Médio não quer o Irã nem a Arábia Saudita como líderes. Isso deixa espaço para um novo ator preponderante, que penso será a Turquia, cujo modelo de sociedade é admirado por muita gente na região.

É irrealista acreditar que democracias irão emergir facilmente. O que vimos na semana passada no Cairo era totalmente previsível. Vemos um choque real por causa de ideais utópicos. Prevejo um longo período de instabilidade nos países da Primavera Árabe. O Egito está numa melhor posição do que a Líbia, por exemplo. A Tunísia é uma interessante possibilidade. Mas as forças políticas que realmente resolverão isso ainda não apareceram.

Especialista em Política Externa da Universidade de Boston, em depoimento a Fernando Eichenberg (Washington)

Democracia é uma questão de cultura, e o fim está longe

Antoine Basbous

• O que acontece no mundo árabe hoje é uma questão de geometria variável. Os países que já eram mais abertos estão mais dispostos a avançar no caminho da democracia, como Tunísia e Marrocos. Já nos países onde há muito analfabetismo, não é fácil avançar no caminho democrático. Estão em convulsão, como o Egito. Democracia é um acúmulo de experiência, é uma questão de cultura, de sociedade: não se decreta. Os países árabes estão aprendendo a democracia.

No Egito, mais de um terço da população é analfabeta. Ali haverá uma segunda revolução para salvar a primeira. Não posso prever se os manifestantes vão se sair bem desta confrontação. Basta um único incidente para descarrilhar o processo. Sou prudente. Mas estamos longe do final.

Na Síria, a queda de Assad é certa: ele não vai sobreviver. As deserções se multiplicam, chegando ao seu entorno, os vizinhos não o apoiam e a economia afunda. A oposição começa a se organizar, mas com dificuldade porque há 41 anos não existem formações políticas, sindicatos e imprensa livre no país. Se Assad resistir à saída, há risco de guerra civil.

A Líbia é um país onde 100% da população são muçulmanos. Se o presidente do CNT disse que quer que a lei islâmica seja a base da nova Constituição, ele não é o único. Em oito meses haverá eleições e já há duas mulheres no governo de transição. Vamos ver o que decidem os líbios.

No Iêmen, Saleh é um mentiroso e manipulador. Com o anúncio de sua saída do poder, terá que se exilar.

Já o Marrocos reagiu rapidamente para satisfazer parcialmente a reivindicação do povo. O rei Mohamed VI lançou rapidamente a reforma. Para a imagem do Marrocos, o rei está se saindo bem e ganha tempo. Ele ainda tem muito poder e é o menos ameaçado de todos os líderes.

O Bahrein é um protetorado da Arábia Saudita. O regime é minoritário, mas, se ele cair, é o Irã que vai se instalar no país, a apenas 20Km da costa das monarquias do Golfo. Neste caso, o Irã incitaria a maioria xiita (dominada pelo poder sunita), rechaçando a Quinta Frota de navios americanos que estão na costa do Bahrein. Como ninguém quer a desestabilização da Arábia Saudita, estão dando carta branca aos sauditas para assegurar a estabilidade do Bahrein.

Diretor do Observatório dos Países Árabes, em Paris, e autor de “Tsunami árabe”, em depoimento a Deborah Berlinck